

A Dança como Gesto de Escuta: estratégias pedagógicas em um curso universitário durante a pandemia da Covid-19

Maria Acselrad¹

¹Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

Resumo

Este artigo faz uma reflexão sobre as estratégias pedagógicas criadas para sustentar a relação entre professores e estudantes, destes com seus corpos e de seus corpos com o mundo, num curso universitário de dança que, assim como tantos, entre 2020 e 2022, precisou interromper as atividades presenciais devido à pandemia da Covid-19. Mais do que sobre pausas ou suspensões, queremos chamar atenção para a natureza dos movimentos possíveis, sobretudo aqueles relacionados à escuta. Se a tecnologia permitiu uma experiência de hipervisualização e de hiperexposição, por meio de câmeras que exibiam aquilo de que éramos privados no contato físico, pouco se falou sobre a escuta. As aulas de áudio, no caso, possibilitaram a criação de um espaço comum e íntimo, simultaneamente. A preocupação sobre como os sentidos do corpo podem ser abalados pela dimensão da catástrofe apontou para a importância da escuta na pesquisa antropológica e para os desafios da compreensão de um mundo pós-pandêmico.

Palavras-chave: Escuta; Corpo; Saber; Ensino da Dança; Pandemia.

Dance as a Gesture of Listening: pedagogical strategies in a university course during the Covid-19 pandemic

Abstract

This article reflects on the pedagogical strategies created to sustain the relationship between teachers and students, between them and their bodies and their bodies with the world, in a university dance course that, like so many, between 2020 and 2022, had to interrupt in-person activities due to the Covid-19 pandemic. More than about pauses or suspensions, we want to draw attention to the nature of possible movements, especially those related to listening. If technology allowed an experience of hypervisualization and hyperexposure, through cameras that displayed what we were deprived of in physical contact, little was said about listening. The audio classes, in this case, made it possible to create a common and intimate space, simultaneously. The concern about how the body's senses may be shaken by the scale of the catastrophe pointed to the importance of listening in anthropological research and the challenges of understanding a post-pandemic world.

Keywords: Listening; Body; To know; Dance Teaching; Pandemic.

Recebido em: 27/09/2023

Aceito em: 14/09/2024



Este trabalho está licenciado sob CC BY-NC-SA 4.0. Para visualizar uma cópia desta licença, visite <https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/>

1 Dançando em Tempos Pandêmicos¹

Em 2020, com a pandemia da Covid-19, as atividades pedagógicas do Curso de Dança, da Universidade Federal de Pernambuco, assim como de todas as universidades do país e do mundo, foram suspensas devido ao risco de contaminação pelo coronavírus.

Depois dos primeiros quatro meses convivendo com essa situação – que matou cerca de 7 milhões de pessoas no mundo, segundo a Organização Panamericana de Saúde e Organização Mundial de Saúde (OPAS; OMS, 2023) – compreendendo a nova realidade que se impunha, foi instituído o ensino remoto nas universidades públicas do país. Com aulas mediadas por meio de plataformas digitais, a tela passou a ser o lugar possível e seguro do ensino-aprendizado entre estudantes e docentes. Mas como dançar em tempos pandêmicos?

De acordo com especialistas, a pandemia foi um acontecimento que pode ser caracterizado como uma catástrofe. A catástrofe “[...] é aquela mudança negativa que causa ou ameaça provocar mutação na solução de continuidade. A catástrofe quebra o tempo humano, abre um abismo entre passado e futuro, ameaça quebrar o elo entre as gerações” (Pomian, 1977, p. 789). Ao mesmo tempo que é uma “[...] ameaça contra a ordem do mundo e pode corresponder a um evento político, um desastre natural, um crime ambiental [...]”, é também “[...] matriz de identidade coletiva e determina, com frequência, que aqueles que a experimentam conjuntamente se organizem comunitariamente” (Leiroz; Sacramento, 2021, p. 389).

A narrativa científica mais aceita naquele momento, pelo que era possível deduzir da literatura disponível e de livre acesso, atribuía o novo coronavírus à passagem do vírus de uma espécie de morcego (*horseshoe bat*) que vive nas florestas chinesas para o ser humano, morador de centros urbanos. De acordo com Els Lagrou (2020, p. 2-3):

A hipótese se baseia no sequenciamento do genoma do vírus da Covid-19 e suas grandes semelhanças com um coronavírus presente nestes morcegos. [...] Os primeiros casos do novo coronavírus foram detectados em um grande mercado de Wuhan na China, onde se vende animais selváticos vivos, entre os quais morcegos e muitos pangolins, apesar de sua captura e comercialização serem proibidas. O “zoonotic spillover” de viroses que convivem com espécies selváticas, sem causar-lhes mal, [nos] seres humanos, onde causam assustadoras pandemias, não começou nem terminará com o novo coronavírus. Outras epidemias recentes – como a malária, a aids e a febre amarela – foram resultado do spillover

¹ Este artigo se baseia em comunicação oral apresentada na XIV Reunião de Antropologia do Mercosul de 2023, realizada entre os dias 1º e 4 de agosto de 2023, Niterói, RJ, no GT 126: Saber Sentir: Experimentações em Antropologia e Arqueologia Sensorial.

[infecção por transbordamento ou transbordamento patogênico] entre floresta e cidade. O problema é especialmente interessante para a antropologia em geral e a etnologia em particular porque nossa disciplina se interessou desde o começo pelas complexas relações entre humanos e animais, Natureza e Cultura, cidade e floresta. Agentes patogênicos, que convivem de forma simbiótica com seus hospedeiros animais, podem representar diferentes graus de perigo para os humanos, dependendo da cultura ou sociedade específica em questão. As regras de dieta e de negociação em torno da caça apontam para um saber acumulado, por parte dos povos da floresta, do potencial patogênico dos animais. Estes possuem seus próprios hábitos e habitats que precisam ser respeitados se quiserem que a caça não se vire contra o caçador.

Na tentativa de expressar o que se passava, uma literatura abundante foi produzida, também no que diz respeito a interpretações metafóricas. Ainda no calor dos acontecimentos, Franco Berardi (2020, p. 37) escreveu:

Essa noite me ocorreu que toda essa história de coronavírus poderia ser lida metaforicamente assim. Em 15 de março de 2019, milhões de meninas e meninos saíram às ruas gritando: vocês nos deram à luz num mundo onde não dá para respirar, vocês empestearam a atmosfera. Parem com isso! Reduzam o consumo de petróleo e o carvão, reduzam a poeira fina. Talvez eles esperassem que os poderosos do mundo ouvissem seus pedidos. No entanto, como sabemos, decepcionaram-se. A cúpula de Madrid, em dezembro, o último dos inúmeros eventos internacionais que discutem a redução das mudanças climáticas foi apenas mais um fracasso. A emissão de substâncias tóxicas não diminuiu na última década. O aquecimento global segue sem controle, as grandes empresas de petróleo, carvão e plástico não pretendem desistir. E então, a certa altura, os garotos ficam putos da vida e fazem uma aliança com Gaia, a divindade que protege o planeta Terra. Juntos, lançam um massacre de advertência e os velhos começam a morrer como moscas. Tudo para. E, finalmente, passado um mês, os satélites fotografam uma Terra muito diferente [...].

Não é nossa intenção aqui aprofundar reflexões científicas ou metafóricas que deem conta de explicações acerca do que vivemos, mas destacar, a partir do exercício imaginativo de Berardi, o que o autor classificou como uma *crise do corpo*. Mais do que isso, da presença de nossos corpos neste espaço, que chamamos de planeta Terra, abalados diretamente “[...] pelas complexas relações entre humanos e animais, Natureza e Cultura, cidade e floresta [...]”, apontadas por Lagrou (2020). Perante a magnitude dessa crise, Berardi (2020) afirmou que teríamos duas possibilidades: “a chance de reiniciar a máquina depois de um tempo, podendo decidir fazê-la funcionar como antes”, com a consequência de nos encontrarmos mais uma vez com novos pesadelos, ou “reprogramá-la de acordo com a ciência, a consciência e a sensibilidade”. Para nossa infelicidade, logo ficou evidente que o mundo continuou a operar praticamente da mesma forma que antes. Tendo inclusive aprimorado muitos de seus mecanismos de exploração e de enriquecimento por parte das grandes corporações. Por outro lado, é fato que nossa sensibilidade foi profundamente marcada por essa experiência, transformando significativamente a perspectiva sobre nosso corpo e o ambiente ao redor.

Segundo Castro (2021), há uma antropologia dos sentidos que se baseia em investigações de base empírica, comparando formas de sensibilidade em diferentes culturas, estabelecendo um sistema de base analítica. Há também uma etnografia sensorial que reúne pesquisas cujas contribuições à disciplina se dão por meio da mobilização de teorias da percepção sensorial, dando destaque a sua dimensão metodológica, isto é, nos lembrando que para fazer etnografia há que se levar em conta a experiência sensorial.

Não é intenção aqui situar nossa perspectiva em um campo ou em outro, ou ainda enfatizar suas possíveis ressonâncias e dissonâncias. Mais do que sobre pausas ou suspensões, queremos chamar atenção para a natureza dos movimentos possíveis ligados ao sentido da escuta que se deu pelo corpo. Durante o período de isolamento social, num tempo em que se tornou evidente, para quem ainda tinha alguma dúvida, que algo precisava ser radicalmente descoreografado, ensinar e aprender a dançar, a salvo do vírus e das estratégias de controle do Estado, passou a ser um desafio, ao mesmo tempo que uma ação contradiscursiva. Uma descoreografia para o nosso tempo.

Por descoreografia, em outra oportunidade (Acselrad, 2022), nomeamos as práticas de ação que fazem frente e oposição ao sentido disciplinar que carrega o termo coreografia. Essa formulação se deu a partir da leitura de *Orchésographie* (Arbeau, 1589 *apud* Lepecki, 2009). Nessa obra, a coreografia aparece como aparato de dominação dos corpos e das subjetividades. A dança seria privilégio de alguns e não de todos. Havendo um tempo, local e modo específicos para se dançar. A dimensão descoreográfica do movimento, por sua vez, pressupõe como dança também aquilo que escapa, articulando o visível com o invisível, por meio do imprevisível, o que no caso a ser analisado mais adiante, deve ser compreendido para além do aparato da visão, envolvendo a ativação e articulação de outras formas do sensível.

Se as atividades presenciais foram substituídas por uma relação feita à distância em que a tela, como outrora o espelho, promoveu o enquadramento de corpos e subjetividades – além de recuperar a noção de modelo, já bastante ultrapassada no ensino da dança –, descoreografar implicava assegurar espaço e tempo, além de qualidade de experiência, para que a dança pudesse de fato ser dançada. A descoreografia, nesse caso, consistia em criar condições para que as diferentes forças que movem os corpos que dançam pudessem se expressar. Mas como isso se daria?

Se, por um lado, a tecnologia permitiu uma experiência de hipervisualização e hiperexposição, por meio de câmeras que exibiam aquilo de que éramos privados no contato físico, por outro, pouco se falou sobre a experiência da escuta, sentido que sugere uma forma outra de contato. A audição é considerada o sentido da interioridade: traz o mundo para o centro do indivíduo e, também, da imersão: promove um mergulho na realidade (Le Breton, 2016).

Mas a escuta também permite o contato com a alteridade, deixando entrar o que vem de fora, transformando o distante em próximo. Que tipo de abertura do corpo envolve o processo da escuta? Quais saberes encontram-se aí envolvidos? Seria o gesto da escuta uma postura (Flusser, 1994) ou um movimento corporal, expressando disponibilidade para o outro? Essas questões amplificam a preocupação sobre como os sentidos do corpo podem ser abalados pela dimensão da catástrofe, assim como a importância da escuta na pesquisa antropológica e como ela nos desafia a compreender um mundo pós-pandêmico.

2 O Corpo como Território dos Sentidos, Político e Cultural

Entre 2020 e 2022, estive responsável por ministrar algumas disciplinas teórico-práticas, obrigatórias, do Curso de Licenciatura em Dança, na UFPE, pelas quais a metodologia das audioaulas foi desenvolvida. Algumas dessas aulas funcionam aqui como material etnográfico para a reflexão que pretendo desenvolver. Somam-se a elas, os audiorrelatórios, material que serviu de retorno dos estudantes acerca da experiência que procurei discutir, mais especificamente, a partir do que foi vivenciado ao longo da disciplina de Oficina de Dança 5.

Essa disciplina tinha como objetivo desenvolver o conhecimento, a experimentação, a reflexão e a composição, a partir de diferentes manifestações coreográficas, atravessadas pela relação corpo, dança e território, numa abordagem somática que contemplava, também, questões identitárias, políticas, sociais, étnicas e culturais. Quando oferecida pela primeira vez nesse formato, entre janeiro e abril de 2021, segundo ano da pandemia, a disciplina fez uso de metodologias como: aulas teóricas e práticas remotas; leitura e discussão de textos; exibição e discussão de vídeos; desenvolvimento de processos de pesquisa e criação de movimento; experimentação criativa por meio da linguagem da videodança. Embora todos esses recursos possam, em alguma medida, nos informar sobre questões relativas ao sentido da escuta, durante o período pandêmico, para este artigo, me concentrei apenas na experiência das audioaulas². Enviadas pelo Google Classroom, ferramenta virtual que permite o compartilhamento de textos, vídeos e também arquivos de áudio, as audioaulas eram disponibilizadas na página das atividades semanais.

As audioaulas começavam sempre com um convite para que o espaço fosse preparado de modo a oferecer as condições necessárias para que a experiência pudesse ser realizada da melhor forma possível. Alguns acordos eram previamente estabelecidos: o primeiro era que a audioaula só fosse escutada quando de fato fosse realizada, de modo que a experiência fosse experimentada por todos os sentidos necessários para sua realização, simultaneamente. O segundo combinado era que todos os aparelhos fossem desligados durante a audioaula, a fim de não ter interferência. Então, se fosse o caso, era preciso *baixar* a aula no celular ou no computador, para que nenhuma notificação, ligação ou qualquer outro estímulo pudesse interferir na prática. Por fim, era necessário que só fosse comentada a experiência com quem já tivesse passado por ela. Assim, não haveria nenhuma informação prévia a ser acessada antes da prática da audioaula em si. Todos esses acordos tinham como objetivo favorecer a integração dos sentidos necessários para a realização da experiência, potencializando a sensação de presença do corpo no espaço em que ele se encontrava – ou seja, na maioria das vezes, a casa – aspecto bastante prejudicado devido ao quadro de angústia e ansiedade experimentado pela maioria dos estudantes.

Entre as audioaulas discutidas, destacarei aqui apenas três, que se intitularam: 1) o corpo como território dos sentidos; 2) o corpo como território político; e 3) o corpo

² Como avaliação processual, a disciplina fez uso de exercícios individuais, de modo a possibilitar um diálogo mais estreito com os estudantes. Já como avaliação final, foi desenvolvida uma criação coletiva em grupo, que resultou na videodança intitulada *CORPOgrafias*. Para consultar essa informação, acessar: <https://www.youtube.com/watch?v=bYJmkykS9IA&t=983s>, disponível em 21 de agosto de 2023.

como território cultural. Essa seleção se deu pelo fato de terem sido essas três aulas as primeiras desenvolvidas junto aos estudantes, o que possibilita uma reflexão sobre as primeiras impressões e impactos dessa experiência. Também por terem como propósito refletir sobre a relação corpo e território, questão que ganhava proporção existencial devido à pandemia.

As audioaulas duravam, aproximadamente, de 40 minutos a 1 hora. Importante dizer que, enquanto as gravava, com aplicativo apropriado no celular, também me movimentava. Primeiro, porque no “modo presencial” é assim que costumo dar aulas. Segundo, porque me facilitava estabelecer contato com as possíveis sensações que os convidava a vivenciar por meio das sugestões de movimento que eu mesma lhes fazia. Ou seja, era uma forma de estarmos juntos, na medida do possível, ainda que separados pelo tempo e pelo espaço.

Com ajuda de um computador, em alguns momentos, fazia inserções de música, de modo a criar estímulos para o desenvolvimento de improvisações e explorações de movimento. O som que cercava o ambiente, no caso da minha casa, era captado pela gravação. Isso envolvia tanto o som de crianças brincando, talheres tilintando, como também buzinas de carro, aviões passando, ambulâncias transportando os doentes da Covid-19 para os hospitais. Fazer comentários acerca desses sons contribuía para um reconhecimento da realidade vivenciada por todos nós, ao mesmo tempo que conferia um sentido de localização.

A partir de agora, com a transcrição de trechos dessas três audioaulas, busco compartilhar parte dessas proposições, tal como foram enviadas para os estudantes.

1. O corpo como território dos sentidos: o convite é para que você prepare o espaço criando as condições para realizar essa aula, de modo que ele possa melhor te acolher e você possa acolher esse espaço dentro de si. Desligue todos os aparelhos que não sejam necessários para essa experiência que teremos juntos. Use o tempo que for preciso para criar essas condições. Respire. Tão logo possível, escolha um lugar no chão e se deite. Relaxe o corpo, procurando desfazer-se das tensões, dos pesos. Se acomode no seu próprio corpo. Faça apenas aquilo que seu corpo pede para fazer. E ao realizá-lo, na medida, na dimensão, no tamanho que for, utilize esses movimentos como um documento que firma um acordo entre você e você mesmo, em que fique claro que você não “sairá do seu próprio corpo” por nada, experimentando a sensação e a consciência do que é “estar no corpo”. Conectado com todos os sentidos que fazem do seu corpo, um corpo humano. Por meio desses movimentos, ou da quietude também, nos micromovimentos internos do seu corpo, procure ir desfazendo as tensões, transformando a dor em prazer, o cansaço em alívio, o desconforto em relaxamento. Pela respiração, percorra os espaços internos do corpo, buscando ampliá-los. Inicie um inventário das partes do corpo em contato com o chão. Percorra todo ele com sua atenção, intenção e imaginação. Localize as partes do seu corpo no espaço, sem precisar mover-se, apenas tomando consciência sobre elas. Com uma régua imaginária, procure calcular a distância que liga um ouvido ao outro, entre a língua e o céu da boca, entre um olho e outro, entre os ombros, entre as cristas ilíacas, entre

os joelhos, entre os tornozelos, entre o calcanhar e os dedos, dos pés à cabeça. Passeie pelo seu corpo como uma terra recém-conhecida. Tal como um viajante, percorra esse território que é o seu próprio corpo. Permita que essa viagem envolva a ampliação das partes em contato com o chão. Imagine-se massageando o casco de uma tartaruga gigante, e, ao massageá-la, sinta que ela te massageia também. Suavemente. Viaje pelo corpo, e, ao mesmo tempo, pelo espaço. Respire fundo, respire sempre. Acorde os sentidos da pele, ao longo desta viagem. Procure manter os sentidos do seu corpo conectados com as suas necessidades, com aquilo que ele te apresenta. Não sei se você está de olhos fechados ou abertos, fique à vontade, mas procure se relacionar com os olhos como superfície porosa que também troca informações com o espaço. Sinta o cheiro deste espaço onde você está. Procure abrir os ouvidos para os ruídos que o atravessam, que entram, que habitam esse espaço contigo. Será que tem alguma voz distante, um talher, um barulho de obra, um avião passando, uma criança brincando perto de você? Com isso, aprimore seu sentido de localização. E agora sim, de olhos abertos, procure ganhar mais propriedade sobre a verticalidade e se ainda não fez isso, comece a construí-la. Abra bem seus olhos e ouvidos, sensibilize seu olfato, deixe a língua passear e saborear a saliva dentro da sua boca. Abrace o espaço com seus olhos, capturando o máximo de informação possível. Imagine que os seus sentidos são como frestas e janelas, buracos e passagens para o que está dentro e fora. Ao tomar consciência sobre o que você sente, fazendo uso de todos os sentidos combinados, se desloque pelo espaço como uma grande alga que alterna o peso do corpo de um lado para o outro. De cima abaixo, de frente para trás. Explore essa sensação de porosidade, entre o dentro e o fora. Assim como você pode olhar para o espaço, o espaço também pode olhar para você. Experimente o que isso te ensina [Inserção de música para o experimento]. Desloque-se pelo espaço, expandindo-se e depois buscando ocupar o mínimo espaço possível. Alterne essas duas possibilidades. Escolha um lugar no espaço. E procure imaginar seu corpo como uma paisagem. Mapeando-o como uma montanha firme, estável, feita de pedra, de terra, de árvores na sua crosta. A cabeça como um cume, topo de uma cadeia montanhosa que envolve as costas, os ombros. Experimente esse corpo-montanha, íntegro e denso. Que resiste ao vento, às chuvas, aos raios. Outra paisagem é a das águas de uma cachoeira. Que qualidades no seu corpo te informam sobre isso? Uma ducha forte, uma queda d'água poderosa que deságua num rio caudaloso. Que pode estar contido por margens mais estreitas ou largas, mas que pode transbordar, vazar. O que existe no seu corpo de fluido, fugidio, corrente, potente? Respire fundo, respire sempre. Uma última paisagem é a do vale, da pradaria, da planície, do vasto horizonte. O que existe no seu corpo que ressoa como um campo sem limites, imenso, contínuo, pacífico? Sem limites ou interposições, livre. Que qualidades te informam sobre isso? Que espaços no seu corpo te informam sobre essa paisagem? Se por acaso não estiver de olhos fechados, convido a fechá-los e abri-los para dentro. O que é possível enxergar dentro, no fundo de si? Que sensações você tem, que sentimentos te atravessam neste momento? Reconheça-os.

- Agora sim, de olhos abertos, encontre um lugar para se camuflar no espaço, buscando se misturar a ele. Sem deixar de estar atento aos seus próprios sentidos. Mas percebendo que o que te separa do espaço é também o que te liga. Experimente diferentes espaços. Brinque um pouco com isso. Num espaço escolhido, experimente espreguiçar-se aproximando e afastando as extremidades, no caso cabeça e cóccix, posicionado as mãos sobre essas extremidades. Imaginando que a coluna é uma escada em que cada degrau precisa ser percorrido, um de cada vez. Se os braços cansarem pode trocá-los de posição. Ao passo que você experimenta essa movimentação, observe como seus pés apoiam-se no chão. Aumente o espaço entre as pernas, fazendo deslocamentos de peso mais ousados. De um pé para o outro. De dois pés para um pé. De um pé para dois pés. De dois pés para dois. Desloque-se pelo espaço massageando seus pés com o chão e amortecendo os degraus da escada que é a sua coluna. Aproxime os pés, e produza uma pequena vibração, no eixo vertical, com os pés agora bem firmes no chão. [Inserção de música para o experimento]. Sacuda o corpo, os braços, as pernas, a cabeça, os ombros, as mãos. Com ou sem deslocamento, como você quiser. A essa altura não sei se você ainda se encontra em movimento ou em quietude. Te convido a ir sossegando. Trazendo a atenção para a respiração. Escolha um lugar no espaço, enrolando a coluna e deitando-se novamente. Se esparrame, se espraie, aterre. Registre para você mesmo essa viagem pelos sentidos que você acaba de fazer, com ajuda dessa sagrada capacidade da imaginação que te permitiu percorrer paisagens no seu próprio corpo. Te agradeço pela escuta.
2. O corpo como território político: [Respiração]. Há no espaço uma lógica de organização? Algo parece ser priorizado? Como estão localizadas as coisas, como elas se relacionam e ocupam o espaço onde você se encontra? Independentemente de ser uma sala, um quarto, um terraço, um corredor, uma varanda, um quintal, um jardim. O que as coisas dizem sobre uma possível hierarquia espacial? O que é importante neste espaço? Observe também o espaço livre, vazio. O espaço das possibilidades, daquilo que não é estável, fixo ou pré-ocupado por alguma coisa. Procure se colocar neste lugar, neste espaço livre, ocupe esse espaço. Respire. Nesta posição, em que você se encontra, apenas respire. Faça apenas o que for necessário, suspire, espreguice. A dispersão faz parte, então se isso acontecer, a ideia é redirecionar a atenção, sem julgamento, sem pressão, voltando para a ação que estiver sendo desenvolvida. Mesmo que a aula siga, saiba que você tem a liberdade para retomar a prática quando puder. Procure chegar no seu corpo, como alguém que chega em casa, fazendo os rituais necessários para se sentir à vontade, como tirar o sapato, se desfazer de uma mochila pesada, como quem entra no chuveiro para se refrescar. Chegando no próprio corpo, escolha um espaço vazio, livre, e observe o espaço dessa nova perspectiva. O que é possível observar, que antes não era? Caminhe para diferentes pontos no espaço e o observe, novamente, a partir das novas perspectivas que se inauguram, desses novos pontos de vista. Incluindo a sua própria posição no espaço, observe que as posições envolvem oposições. Quando nos aproximamos de algo, nos distanciamos de outro algo. Brinque com isso. No jogo das posições,

estão em jogo oposições. E que essas oposições são alimentadas por tensões espaciais, mas também musculares e articulares. Mesmo na respiração, elabore, promova, dissolva as tensões do corpo. Ao expandir, algo se contrai. Ao contrair, algo se expande. Observe este movimento interno do corpo. Essas tensões não necessariamente precisam ser ligadas ao acúmulo de contrações; estão mais ligadas a uma tensão vital de base, um tônus. Neste meio tempo, a atenção vai se deslocando do diafragma, região central do corpo, para as periferias. Como é respirar com as extremidades do corpo: pés, mãos, pernas, braços, cabeça, e toda a superfície da pele? Se essa respiração te levar a se deslocar pelo espaço, deixe isso acontecer. Como você sente o ambiente por meio da sua pele, como você sente os contornos do seu corpo? Qual o limite que divide seu corpo do espaço? Quanto que seu corpo deixa de impressão no espaço onde você está? Quanto que o espaço penetra no seu corpo, por meio de sensações e imagens? Observe a superfície dos seus pés, a depender de como cada um encontra-se no espaço. Outras superfícies podem te ajudar a observar esse limite do corpo com o espaço, por vezes ambíguo. Como está o tônus do seu corpo, maleável ou resistente ao espaço? Relaxe as articulações. Respire fundo. Deixe o ar que entra abrir espaço no seu corpo. Em um novo lugar no espaço, procure afrouxar as articulações dos joelhos, experimentando um *plié*, investigando as oposições envolvidas na sua forma de executar esse movimento. [Inserção de música para experimentação]. Lembre-se que o *plié* é um afundar no chão, um ceder, um se entregar, uma reverência à terra. Por outro lado, ao se alongar, ao resistir, você responde à esta atração com uma reverência ao céu, se distanciando da terra, mas sem perder este contato. Ceder e resistir. Experimente esses movimentos, alternadamente. E da próxima vez que você se dobrar, deixe-se esparramar no chão. Brinque com essa possibilidade de entregar-se ao chão e recuperar-se. Descendo ao chão e “subindo ao céu”. Utilizando-se das possibilidades de fazê-lo em espirais. Fazendo uso dos apoios necessários, mãos, braços, pés e pernas. Imprimindo a presença no chão e no ar. Marcando sua passagem pela terra e pelo céu. Experimente fazer isso observando o papel do quadril nesta movimentação. Pare e escute o pulso da circulação e da respiração. Experimente mover o quadril “desenhando um oito” no espaço, alternando um arco para um lado, e para o outro. Desenhando a forma do infinito, horizontalmente. Transferindo o peso de um pé para o outro. Se for do seu agrado, apoie as mãos na cintura. E a partir dessa movimentação, inicie uma dança que “mobiliza uma cobra” que supostamente encontra-se na sua bacia. Com isso, massageie e espreguice o quadril. Alterne a espiral com o círculo. Veja se um desses movimentos te convida a passear pelo espaço. De frente, de costas, de lado, circulando. Muda alguma coisa? Experimente alternar as possíveis lideranças do corpo que esse movimento te propõe: procure fazê-lo orientado pelas cristas ilíacas, pelo trocanter, pelo púbis, pelo cóccix. Para muitas culturas, a bacia é onde reside a energia vital. Que tensões e oposições podem ser mobilizadas nesta região? Deixe essas tensões te mobilizarem microscopicamente, telescopicamente. Livremente. [Inserção de música para o experimento]. Dizem que é possível sorrir com a bacia. Explore os diferentes

- níveis espaciais com esta movimentação. Caso você esteja no plano alto, procure ir até o chão, no seu tempo, encontrando um caminho novo, menos conhecido. E chegando lá, relaxe, descanse, se esparrame, se entregue, e respire profundamente. Aproveite para observar que lógicas de organização corporal são possíveis de ser percebidas e identificadas. Que relações se encontram evidentes: tensões, posições, hierarquias podem ser observadas? Que partes do seu corpo estão sensíveis, entregues, presentes? Que relações de correspondência, de equivalência, de simetria ou assimetria, você consegue observar? Alguma parte do seu corpo precisa de mais atenção em relação a outra? Neste momento, registre essas sensações, num “caderno imaginário de viagens pessoais”. Te agradeço pela escuta, pela entrega, pela dança partilhada neste chão. E, lembre-se que toda terra, mesmo essa em que você se encontra, é indígena [Inserção de música para finalizar].
3. O corpo como território cultural: o espaço está pronto. E você também. Ao olhar para esse ambiente onde você se encontra, perceba como tudo tem um lugar. Cada objeto, cada móvel, as janelas, as portas, as paredes. Cada qual com sua forma, suas dimensões, sua consistência, suas cores. E você também tem um lugar nesse ambiente. Cada parte de você também ocupa um lugar. Cada parte se liga a outra parte, que se liga a outra, e assim por diante. Perceba como você se relaciona com as partes do seu corpo. Como você as compreende? Até que ponto elas estão separadas ou juntas? Formam uma grande parte? Será que se atravessam, se sobrepõem, formando um todo? Sendo parte ou todo, você ocupa um lugar nesse espaço. Se encontre nesse espaço, com tudo que você é, com tudo o que te constitui. Tente olhar, perceber, sentir o que te rodeia como se o fizesse pela primeira vez. Com uma curiosidade infantil. Em movimento ou não. Descubra o espaço com o todo que você é. O chão, a sua matéria. As paredes, do que são feitas. O encontro das paredes com o chão. A brisa do vento que entra pela janela. Imagine que tal como uma teia de aranha as partes do seu corpo encontram-se ligadas. E ao mesmo tempo em que te interligam também te ligam ao espaço. Deixe-se dançar por essa relação, brincando com essas teias que se projetam de você e se agarram em diferentes pontos no espaço. [Inserção de música para experimentação]. As partes do corpo estão carregadas de significados atribuídos ao longo do tempo e da experiência. Como, ao se mover, elas movem significados para você? Experimente escolher uma parte do corpo para liderar sua movimentação. Desenhe linhas no espaço com ela, imprima sua presença por meio dela. Deixe com que todas as outras partes do seu corpo se movam a reboque dela, em decorrência, em consequência de como ela se move. Como se dessa parte, se projetasse uma flecha, um raio, uma vela de um barco e ela te levasse a passear pelo espaço. Transfira essa liderança para outra parte. Explore o espaço a partir dessa outra parte. E outra, e outra. O que ela te leva a fazer? A partir desse jogo de alternância de lideranças, deixe a dança dançar. Deixe as partes do seu corpo dançarem juntas. Dance com seus “pés de valsa”, sua “cabeça de vento”, seu “olho grande”, suas “costas quentes”, sua “bunda mole”, seu “peito aberto”, sua “boca suja”, sua “cara de pau”, seus “olhos de água”, sua “cabeça fria”, seu “ouvido de tuberculoso”, seu “pulso firme”, seu

“nariz em pé”, seu “coração aberto”. Encontre uma pausa, respire, enraíze os pés no chão, abrindo bem o espaço entre os dedinhos. Se estiver sentado ou deitado procure a verticalidade. Procure dividir bem o peso do corpo sobre os pés. Encontre a firmeza dessas “raízes”, a profundidade delas, dando uma folga nas articulações. Deixe sua cabeça levemente solta. Como uma brisa que bate. Quando nos movemos, um mundo de coisas se move em nós. Observe agora as danças que ocorrem dentro de você, nessa aparente imobilidade. Dos seus afetos, dos seus desejos, das suas repulsas, dos seus medos, das suas angústias, dos seus pensamentos, dos seus julgamentos, das suas atribuições de valor, dos seus impulsos. Quando você se move, você também se comove. Se projete para dentro de você, por meio das teias que também ligam você por dentro. Deixe essa dança acontecer. Mais uma vez encontre um lugar no espaço e faça uma pausa no movimento. Encontre um pequeno balanço, uma pequena transferência, e desenvolva uma pequena dança consigo mesma. Mantendo a conexão dentro e fora. Em cima e embaixo, um lado e outro, frente e trás. Perto e longe. As partes e o todo. E veja como a respiração pode te ajudar nisso, como o piscar dos seus olhos pode te ajudar nisso, como o sentido da escuta pode te ajudar nisso, como a pele do seu corpo pode te ajudar nisso, como a posição do seu corpo todo no espaço pode te ajudar nisso. Te agradeço pela escuta, pela entrega pela dança partilhada neste momento. E te convido a dançar com tudo aquilo que te toca, te travessa, te constitui. [Inserção de música para experimentação]. Seja o ar que você respira, a luz que entra pela janela, o vento que corre, as pessoas da sua casa, o chão, o teto, as paredes, os móveis, sua mãe, seu pai, sua irmã, seu irmão, seu namorado, sua namorada, seus amigos, presentes ou distantes, suas ideias, suas fantasias, seu amor [Som de ganzá tocando, enquanto a música segue].

3 A Dança como Gesto de Escuta

A experiência pedagógica das audioaulas só pode ser realmente compreendida por meio de uma análise de como foram vivenciadas pelos estudantes do Curso de Licenciatura em Dança da UFPE que, se utilizando do mesmo recurso, me permitiram o acesso às suas impressões, também pelo sentido da escuta, enviando-me audiorrelatórios³. Alguns deles foram gravados logo após a realização da aula, outros pouco tempo depois. Quase todos vêm acompanhados da sonoridade ambiente do espaço onde se encontravam, geralmente a própria casa, o que me possibilitava também a escuta de sons de pássaros, vendedores ambulantes, crianças brincando, pessoas andando, etc. Era possível perceber por meio de suas vozes o efeito da realização da audioaula, como prazer, alívio, relaxamento, mas, por vezes, também incômodo, tristeza, angústia, desespero e frustração. Compartilho

³ O uso desses audiorrelatórios foi autorizado pelos estudantes para fins de pesquisa. Suas identidades, no entanto, foram preservadas por codinomes. Neste *link*, é possível escutar uma pequena edição dos audiorrelatórios aqui transcritos: https://youtu.be/5qz_89V-1hg. Agradeço aos estudantes pelo tempo e disponibilidade para se mover em um momento tão difícil do mundo. Agradeço também a Alessandro Rivellino com quem tive a primeira experiência de audioaula, por meio da sua colaboração no processo de criação de Descoreografia, videodança por mim concebida e dirigida, em 2020, durante a pandemia da Covid-19.

aqui alguns deles, na intenção de destacar aspectos que acredito poderem contribuir para uma reflexão acerca de como a dança foi experimentada como gesto de escuta, revelando alguns dos impactos que a pandemia como acontecimento de dimensão catastrófica teve no corpo desses estudantes.

3.1 Voz é Corpo: transporte e presença

Estou deitada, acabei de fazer a aula, e escolhi gravar o áudio agora pra que nenhuma das minhas sensações vá embora. Antes de tudo quero agradecer e juro que estou me imaginando numa roda, no CAC [Centro de Artes e Comunicação/UFPE], retribuindo sorrisos e compartilhando o que cada um sentiu. Foi uma experiência incrível, nunca tinha feito uma audioaula, nunca tinha sentido no meu corpo como seria. Eu me transporte, parecia mesmo que eu estava te vendo, parecia mesmo que você estava me vendo, os movimentos que eu fazia, parecia que estava do meu lado, sentia que você enquanto falava, sorria. Você dizia que não sabia se estávamos de olhos abertos ou não, mas não parecia. Em alguns momentos, os comandos tinham muito a ver com o que estava acontecendo. Foi muito mágico. Pude perceber e sentir o que você estava dizendo. Eu explorei bastante o lugar das sensações, o território-corpo. E, já de antemão, vou amar fazer outras audioaulas. Obrigada pela sua entrega também e por nos transportar para outros lugares. (Adriana)

Eu senti que tive uma escuta muito mais ampla, por não estar ligada ao olhar. Estar vendo você, mas não fisicamente. A gente presta muito mais atenção à fala. O áudio mudou muito o ambiente. Não eram sons daqui, já tornando o ambiente diferente. Tinha buzinas, talheres, no seu áudio. Sobre os comandos de distanciamento, eu senti muito eu engolindo o espaço e o ambiente me engolindo quando eu ficava menor, depois de prestar mais atenção. Senti muita intimidade com meu quarto, por mais que estou nele há anos. Foi massa ter experimentado isso. De ficar muito tempo em alguns cantos dele. Os móveis são meio baixos, então o eco ficou bem mais presente na sua voz, botei na caixinha de som, foi maravilhoso. (Neide)

3.2 Corpo-Mundo: lógicas de organização e cuidado

Na audioaula o que ficou mais em mim, é que quando a gente reconhece o espaço, quando traz essa sensação de reconhecimento do espaço, do corpo da gente, das partes, a gente se sente mais pertencido e integrado ao espaço que a gente se dispõe a fazer as movimentações corporais propostas. O que me chamou atenção bastante foi a parte de pôr limite onde começa e onde termina o corpo e o espaço. (Branca)

Esse início da audioaula me lembrou muito a aula anterior, quando eu constatei que, mesmo de modo inconsciente, eu organizava as coisas no meu quarto de modo a facilitar o meu dia. E pude observar que quando me acordo vejo meu tapete de alongamento e isso desperta um gatilho em mim que eu possa fazer alguma atividade de movimento, ou me alongar, durante o dia. O momento do plié, de experimentar ele com diversas tensões, e pensando em diversos tipos de relação, foi bastante interessante. Também fiz muito a relação, antes de chegar no final da aula, de pisar, já associava o mastigar do chão, associando o texto à música, e para mim foi bastante marcante quando você falou que toda a terra é indígena, isso pra mim foi bem forte, porque antes de ouvir, eu já estava fazendo essa relação. (Eliel)

Então, essa é a primeira aula que eu faço, na verdade. Porque a anterior, eu esperei o melhor momento pra fazer, e ele não chegou. Meu bebê acorda muito. Mas dessa vez, ele só acordou um minuto depois de terminar a aula. No começo eu estava exausta, porque era de noite. Fiquei olhando pro teto, seguindo as instruções, como se o teto fosse um chão. Às vezes, eu faço isso.

Porque aqui é forro de laje, parece um chão. Fiquei viajando nisso. Ai depois comecei a me pegar. E nossa, esse é o meu corpo? Eu passo o dia usando meu corpo, e nem percebo de tanta correria que é. Fui chegando nesse corpo, percebendo as fronteiras. Aproveitando esse tempo só para isso. Ai depois quando você falou para gente se mexer e mudar de lugar no espaço, eu fui rastejando. Fiquei no chão mesmo, só que de barriga para baixo. E mesmo estando no mesmo lugar, já mudou tudo! Porque o chão virou o chão mesmo. Eu só mudei o sentido e mudou tudo. E fiquei pensando quanto que o território do meu corpo, a hierarquia, a lei principal é o meu bebê. Eu estou na casa da minha mãe, que não é uma casa preparada pra um bebê, mas daí a gente fez adaptações com o que dava. Meu corpo também tá muito em função dele, eu fico muito sozinha com ele. Mas foi ótimo, porque teve um momento da aula que eu entrei muito. Quando me levantei para fazer plié, achei que ia morrer, porque estava muito cansada, mas quando veio a parte de movimentar a bacia, a pelve, não sei, veio muita energia e eu me movimentei muito rápido, tanto que fiquei toda suada. No início eu estava morta, e no final cheia de energia. (Lígia)

Tão sendo incríveis essas áudioaulas, porque eu estou me escutando muito mais, fazendo tudo mais no meu tempo, mais devagarzinho. Então, hoje fazendo essa aula fiquei pensando que o corpo fala, em qualquer ocupação de espaço. Hoje senti meu corpo muito presente e muito criativo. Até na hora de observar o espaço, vieram muitas ideias de dança mesmo, mas também de reorganizar o espaço de outra forma, me reorganizar no espaço de outra forma. Até a cor da parede eu quero mudar agora! Acho que o jeito que você se coloca no espaço diz muito sobre representação, ação, intenção. Hoje a gente trabalhou a bacia e eu senti uma conexão gigantesca com a terra. No final, ao escutar as batidas do meu coração, percebi que eu estava dividida, da cintura pra baixo e da cintura pra cima, uma mais leve e a outra mais presente. (Neide)

Este momento é meu. Sim, estou em mim mesma. Desvendando esse território que é meu corpo, que é meu templo. E no fim das contas, é só o que tenho. A gente só tem a ele, até o fim da gente nesse território-mundo. O espaço que me encontro é meu, tão meu em mim, que sinto como se eu me preparasse para recebê-lo, para entrarmos um no outro, nesse processo de reciprocidade e intensidade. E chego com muito cuidado no meu corpo, como quando chego em casa, aqui e agora. Com mais cuidado que o normal, digo com mais cuidado com que costumava ser: Cuidado enquanto autodefesa a estes tempos, a estes outros. E, também como autocuidado, como auto escuta, aos sinais, que o corpo sempre diz. Além disso, porque na minha casa tanto de dentro, como de fora, habitam outros, e as tensões, os tónus, os perigos são inevitáveis. O movimento é isso, a vida é isso, o corpo é isso, o território é isso. (Renata)

[Suspiro] Eu permaneço em mim. A tensão parte de minha orelha esquerda, dói, dói, dói, e se dissolve através do meu corpo. Nesse mundo que é tão grande, meu corpo é tão pequeno. Mas meu corpo é tão grande, maior que o mundo. O espaço me olha como parte dele, como espaço, meu espaço. Quando fecho os olhos de fora, vejo profundamente meu espaço de dentro, vejo a montanha, os picos e os vales, vejo o que sinto, da forma que posso, da forma que não tenho linguagem, mas vejo profundamente. (Renata)

Queria começar admitindo que não consegui me manter presente durante toda a experiência, me distraí em vários momentos. Parte por minha causa, por estar muito agitada nessa nova configuração. Parte porque o ambiente é complicado. Parte porque a energia do grupo, perceber o outro quando a energia começa a falhar, você se sente inspirada a mudar a movimentação às vezes. Na parte dos olhares, me senti como se tivessem várias câmeras, existem muitos objetos, muitas pelúcias no meu quarto com muitos olhos, muitas fotos, muitas janelas através da minha janela, parecia como se tivessem muitos olhos, muitos espelhos me observando. Isso me fez pensar como seria essa movimentação se estivesse sendo filmada por ângulos diferentes. Fiquei com essas impressões. Teve um momento em que foi usada a palavra paisagem, e me lembrei de um texto que li recentemente e que falava num “silêncio sambaqui” [Lamas, 2019], parece paisagem, mas tudo continua transformando, só que num tempo diferente. Parece estar parado, mas é só uma impressão. Outro momento, foi de achar um espaço e se fundir com esse espaço, e desaparecer. Essa palavra “desaparecer” me machuca muito. Fiquei muito grata de ouvir em seguida que a ideia era continuar sendo corpo no espaço. Isso foi

uma coisa que fiquei bastante interessada, mas foi o tempo suficiente para eu me entregar um pouco a essa expressão e logo em seguida ficar refletindo: ah, sim, dá pra ser desse jeito. Eu gostaria de ter me dito isso antes, mesmo se eu “desaparecer”, me fundir com o espaço dessa forma, não posso deixar nunca de sentir, de ser corpo, de perceber as sensações que são completamente minhas e me tornam viva. (Juliana)

3.3 O Comum e o Íntimo: exercícios de liberdade e descoberta

E como assim a aula já acabou? Muito, muito, muito obrigada. Não sei se era essa a proposta, mas considerando que a gente está super livre para fazer os que a sensações nos trazem, depois que você finalizou e colocou a trilha musical, eu dancei com o corpo todo. Eu estou tendo muitas conexões quando estou fazendo essas audioaulas. Perceber os balanços, explorar o espaço, os objetos, olho fechado, olho aberto, com a sensação de que você está na minha frente, ou na sala de dança rodeada dos meus colegas, e ao mesmo tempo com uma introspecção que nunca tinha experimentado. (Adriana)

Durante esse período de quarentena nunca tinha passado por isso, só ouvir e sentir no meu corpo. Amei porque também a gente não tem que ficar olhando pro celular o tempo inteiro ou para tela de um computador. Ocorreram momentos de eu pensar em outras coisas, é bem difícil a gente se concentrar, mas no fim deu certo, consegui focar. Sentir o corpo massagear o chão, sentir meus músculos, meus ossos, como se tivessem se auto massageando. Nossa, relaxei demais! Eu me senti muito livre para me movimentar do jeito que eu quisesse. Porque numa sala de aula ou numa audição, tem muito julgamento, e aqui não, eu me senti super livre para fazer o que eu quisesse. Na parte de me camuflar no espaço, eu fiz isso como se fosse entrar alguém. Me lembrei do pique esconde, quando era criança. Recuperar essa sensação foi ótimo. Na parte de sentir os pés no chão, a transferência de um pé para o outro, eu particularmente adorei, porque durante o dia a gente faz tudo com os pés e não costuma dar atenção a isso. Eu procuro sentir, é sempre uma experiência muito boa. Eu adoro essas atividades com os pés. Na parte de me balançar pelo espaço e sacudir o corpo, eu já tinha feito essa proposta, mas hoje fiz de um jeito que eu nunca tinha feito antes. Pensei: nossa, como assim? (Isabel)

4 Ressonâncias

Esses depoimentos, que me chegaram da mesma forma com que foram enviadas as audioaulas, ou seja, por meio de gravação da voz por aplicativo de celular, disponibilizados por meio do Google Classroom, sugerem algumas reflexões sobre a dança como gesto de escuta. Mas, inicialmente, o que seria um gesto? De acordo com Flusser (1994), os gestos são movimentos do corpo, e num sentido mais amplo, de ferramentas ou instrumentos unidos ao corpo. Os gestos também são movimentos que expressam uma intenção, o que inclui questões ligadas à subjetividade e à liberdade da sua interpretação. Por isso, nunca poderemos compreendê-los se não soubermos interpretá-los, o que deve ser feito de forma empírica, alerta o autor.

Em relação ao gesto de escutar, Flusser defende que este gesto não se resume a um movimento ou deslocamento espacial, mas a uma posição corporal, ainda que esta não seja fixa, nem imóvel. Esta distinção parece apontar para o fato de que há na modulação corporal, no sentido de sua intensidade e expressividade, uma abertura para a alteridade,

o que talvez, possa ser considerado um movimento dos mais significativos, em tempos pandêmicos, e por que não, pós-pandêmicos.

Mais do que *evidências*, esses audiorrelatórios nos apontam para *ressonâncias* (Nancy, 2002). Pelo fato de que repercutem, mais do que revelam. O que significa que me deterei mais em amplificar impressões, do que tecer conclusões. Como sabemos, os ouvidos não têm pálpebras. O som penetra profundamente em nós. Por outro lado, ouvir é diferente de escutar.

Diferentemente da audição, a escuta é acionada voluntariamente, sendo continuamente formada e informada [...], tanto pela corporeidade quanto pela intelectualidade. [...] Escutar também se distingue do ouvir quando incorpora atividade perceptiva (Lima, 2022, p. 35).

Escutar, nesse sentido, seria uma ação incorporada, ou ainda, carregada de afetos, de intenções.

A abertura do corpo para o outro, numa experiência como esta, parece ter viabilizado um tipo de contato mediado pela voz que trouxe para perto, por exemplo, o sentimento da presença, inclusive de si mesmo no espaço. A possibilidade de estarmos próximos, dessa forma, também trouxe a consciência sobre a liberdade de cada estudante para seguir ou não as proposições feitas por mim, criando ou descobrindo um espaço comum, porém livre e íntimo, ao mesmo tempo.

A ampliação da consciência do corpo, articulada ao espaço envolvente, parece ter favorecido também, a transformação da perspectiva sobre as escolhas e modos de organização do espaço, porque “quanto melhor se escuta, melhor se vê” (Flusser, 2018, p. 108), contribuindo para um aprofundamento da consciência acerca das diferentes possibilidades de presença do corpo no mundo, o que envolveu cuidados consigo, com os outros e com o entorno. Além da articulação entre os sentidos, pois já dizia Merleau-Ponty é possível “ver com os ouvidos”. Portanto, “[...] quando digo que vejo um som, quero dizer que ecoo a vibração do som com todo meu ser sensório” (Merleau-Ponty, 1962, p. 234 *apud* Ingold, 2008, p. 23).

À luz do conceito de cronotopias da intimidade, de Arfuch (2005), que nos propõe pensar a vivência da casa como um cronótopo, por meio da relação entre espaço, tempo e investimento afetivo também podemos refletir sobre como foi possível localizar no corpo essa casa. Se os limites da casa nos separaram uns dos outros, por meio dos sentidos, pudemos estabelecer relações muito próximas entre nossos corpos, compartilhando as dores e os prazeres de habitá-lo, naquele momento específico. Pela escuta, foram mobilizadas memórias, sensações, experiências. A relação dicotômica que opõe interior e exterior, tal como a metáfora da porta de Simmel (1986), ou da ponte em De Certeau (1994), que tanto une como separa, funciona se pensamos o corpo como separado do espaço, ou de outros corpos.

Porém, o sentido da escuta, se pensamos o ouvido como um túnel, fez com que durante este tempo da catástrofe experimentado por meio da pandemia da Covid-19, nos percebêssemos em relação de continuidade ou ainda de passagem, mesmo que temporariamente, alterando a forma com que nos relacionamos com nossos corpos, e ao mesmo tempo, com os espaços por onde transitamos, sejam presenciais ou virtuais.

Se considero o tempo passado entre as primeiras escutas desses audiorrelatórios, no período pandêmico, e as segundas escutas já a fim de elaborar este artigo, algumas considerações podem ser feitas. No primeiro momento, escutá-los me permitiu reconhecer os corpos dos estudantes por meio de suas vozes. Eles estavam vivos e nós podíamos estabelecer contato. Eu me sentia ávida por escutá-los e ser tocada por seus depoimentos. Isso também significava a eficácia da iniciativa pedagógica que, mesmo diante de tantas dificuldades, permitia a sustentação de nosso vínculo. No segundo momento, o que se apresentou foi de minha parte uma dificuldade em começar a escutá-los, pois as vozes dos estudantes eram como ondas sonoras que me transportavam imediatamente para aquele tempo tão sofridamente vivido. Desse novo ponto de vista, éramos sobreviventes de uma catástrofe. E, embora fosse doloroso revistar esse tempo, agora era preciso elaborá-lo, sendo esse o motivo principal a impulsionar uma nova escuta, o que gerou outros enquadramentos sobre a experiência e, finalmente, este artigo.

Enfim, vale lembrar tal como afirma Nancy (2002), que escutar também significa compreender. Se é possível afirmar que nossa sensibilidade foi marcada profundamente pela experiência da pandemia, afinal, o que teremos compreendido, de fato, com tudo isso? Essa resposta ainda nos parece distante e imprecisa. Mais do que uma *evidência*, talvez ela apenas *ressoe* em nossos corpos marcados pela escuta ecoante desse tempo pandêmico por nós vivido.

Referências

- ACSELRAD, Maria. **Avança Caboclo! A dança contra o Estado dos caboclinhos de Pernambuco**. Recife: Editora da UFPE, 2022. 191p.
- ARBEAU, Thoinot. Orchésographie: méthode et théorie en forme de discours et tablature pour apprendre a danser. **Digibook**, [s.l.], 2008.
- ARFUCH, Leonor. Cronotopias de la intimidad. In: ARFUCH, L. (org.). **Pensar este tiempo: espacios, afectos, pertenencias**. Buenos Aires: Paidós, 2005. p. 237-290.
- BERARDI, Franco. **Extremo: crônica da piscodeflação**, São Paulo: Ed. UniSP, 2020.
- CASTRO, Marina Ramos Neves de. A antropologia dos sentidos e a etnografia sensorial: dissonâncias, assonâncias e ressonâncias. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 64, n. 2, 2021.
- DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Editores Vozes, 1994.
- FLUSSER, Vilén. **Na Música**. São Paulo: AnnaBlume, 2018. (Marta Castello Branco organizadora)
- FLUSSER, Vilén. **Los Gestos – fenomenologia y comunicación**. Barcelona: Herder, 1994.
- INGOLD, Tim. Pare, Olhe, Escute! Visão, Audição e Movimento Humano. **Ponto Urbe**, [s.l.], v. 3, 2008. Disponível em: <http://pontourbe.revues.org/1925>. Acesso em: 2 jun. 2024.
- LAGROU, Els. Nisun: a vingança do povo morcego e o que ele pode nos ensinar sobre o novo coronavírus. **Blog da Biblioteca Virtual do Pensamento Social**, [s.l.], 2020.
- LAMAS, Flavianny. **Movimentos do Silêncio: uma dança cartográfica**. 2019. 138p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
- LE BRETON, David. **Antropologia dos sentidos**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2016.

LEIROZ, Flavia Pinto; SACRAMENTO, Igor. Cronotopias da intimidade catastrófica: testemunhos sobre a covid-19 no Jornal Nacional. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 73, p. 384-404, maio-agosto, 2021.

LEPECKI, André. Planos de composição: dança, política e movimento. *In*: RAPOSO, Paulo *et al.* (org.) **A terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: EdUFSC, 2009. p. 111-122.

LIMA, Sergio Godoy. **Escuta e criação como rede**: caminhos de individuação musical. 2022. 213p. Tese (Doutorado) – Universidade de Aveiro, Portugal, 2022.

NANCY, Jean-Luc. **À L'écoute**. Paris: Galillé, 2002.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE; OMS – ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Painel da OMS Covid-2019**: número de casos de COVID-19 notificados à OMS. 2023. Disponível em: <https://covid19.who.int/>. Acesso em: 21 ago. 2023.

POMIAN, Krzysztof. Catástrofe. *In*: ENCICLOPÉDIA EINAUDI. **Volume 2**. Turim: Einaudi, 1977. p. 789.

SIMMEL, G. **El individuo y la libertad**. Barcelona: Península, 1986.

Maria Acselrad

Professora adjunta do Departamento de Artes, da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE) e colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPE. Doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do PPGSA-UFRJ. Atua nas áreas de antropologia do corpo, da dança e da *performance*. Coordena o grupo Pisada: pesquisas interdisciplinares em dança e antropologia. Autora dos livros *Viva Pareia! corpo, dança e brincadeira no cavalo-marinho de Pernambuco*, publicado pela EdUFPE em 2013, e *Avança Caboclo! A dança contra o Estado dos caboclinhos de Pernambuco*, publicado pela EdUFPE em 2022.

Endereço profissional: Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Av. Prof. Moraes Rêgo, n. 1.235, Cidade Universitária, Recife, PE. CEP: 50670-901.

E-mail: maria.acselrad@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4673-1541>

Como referenciar este artigo:

ACSELRAD, Maria. A Dança como Gesto de Escuta: estratégias pedagógicas em um curso universitário durante a pandemia da Covid-19. **Ilha – Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 26, n. 3, e96500, p. 107-123, setembro de 2024.